



O comportamento da imprensa televisiva em coberturas de tragédias¹

Evelyn Taina dos Santos VEIT²

Vanessa Luiza de WALLAU³

Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz - FAG

1 Introdução

Este estudo analisa a imprensa televisiva e a mediatização de tragédias, propondo uma discussão sobre a ética jornalística. A cobertura de grandes desastres desempenha papel central na construção pública do acontecimento e na formação de percepções sociais sobre culpa, risco e autoridade, configurando-se como um dos principais mediadores entre o fato e a sociedade.

A pesquisa dialoga com conceitos de autores como Clóvis Rossi, Patrick Charaudeau, Muniz Sodré, Eugênio Bucci e Gil Antônio, que tratam da ética, da espetacularização e da responsabilidade social da mídia.

A forma como as informações são selecionadas, editadas e apresentadas impacta diretamente a percepção coletiva sobre as causas, responsabilidades e consequências dos acontecimentos, evidenciando os mecanismos e as decisões editoriais que orientam o tratamento jornalístico nesses contextos de crise.

Ao compreender os processos de produção e transmissão de informações televisivas, este estudo busca evidenciar os dilemas éticos enfrentados por jornalistas e veículos de comunicação, sobretudo em contextos de tragédia, nos quais o sensacionalismo e a busca por audiência podem conflitar com o dever de informar com responsabilidade. A análise concentra-se na imprensa local de Cascavel, no Oeste do Paraná, observando como práticas midiáticas semelhantes às de redes nacionais são aplicadas em nível regional e de que forma influenciam a percepção da população sobre acontecimentos críticos.

2 Objetivos

O objetivo deste estudo é analisar o comportamento ético da imprensa televisiva durante a cobertura de tragédias, observando como jornalistas e veículos de comunicação se posicionam diante dos acontecimentos, bem como compreender de que forma o tratamento dado à notícia influencia a percepção do público sobre a situação. Busca-se promover uma reflexão acerca das práticas adotadas pelas redações, da seleção

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (ErejoSul).

² Acadêmica do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). Tema de pesquisa: o comportamento da imprensa televisiva em coberturas de tragédias. E-mail: etsveit@minha.fag.edu.br

³ Professora orientadora. Docente do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz (FAG). E-mail: vanessaluiza@fag.edu.br



e repetição de imagens, da construção das narrativas e do papel das emoções na transmissão da informação.

3 fundamentação teórica

A televisão é um meio de comunicação de massa que não distingue classes sociais e pode ser assistido por milhões de pessoas simultaneamente, exercendo forte influência na construção de sentidos sociais, especialmente em momentos de tragédia.

Conforme orienta Gil (2008), “a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre suas variáveis”.

O estudioso Sodré (2006) afirma que a televisão alcança muitas pessoas ao mesmo tempo, independentemente de classe social, idade ou escolaridade. Por isso, exerce uma influência ampla e direta sobre o imaginário social.

“A própria recepção ou consumo dos produtos midiáticos pode ser vista como uma atividade rotineira, integrada em outras que são características da vida cotidiana”, (SODRÉ, 2006, n.p 9)

A maneira como os fatos são apresentados aos telespectadores define não apenas a percepção do público sobre o ocorrido, mas também a memória coletiva de uma comunidade. Nesse contexto, Sodré (2006) observa que, até certo ponto, a mídia tornou-se uma espécie de suporte para a consciência prática, uma interface de fluxo de informação, reorganização e até mesmo rotina de invenção, em critérios muito específicos de tempo e espaço. No entanto, essa mediação frequentemente envolve dilemas éticos e tensões entre o dever de informar e o respeito à dor das vítimas.

Na cidade de Cascavel, localizada no Oeste do Paraná, seis emissoras de televisão são responsáveis por transmitir informações à população regional, incluindo a cobertura de acidentes, crimes e desastres. Essa tendência é descrita por Charaudeau (2006), ao afirmar que “o discurso da informação é atravessado por uma tensão entre o dever de veracidade e a necessidade de captar a atenção do público”. O autor explica que o jornalista precisa equilibrar a responsabilidade ética e a lógica de mercado, uma vez que o campo midiático está inserido em um contexto de concorrência e busca por audiência.]

As últimas transmissões apresentadas pelas redes de comunicação têm revelado características semelhantes às práticas de emissoras nacionais: valorização do impacto visual, dramatização e ênfase emocional.

A utilização desses elementos é fundamental para a narração televisiva, o que faz com que a televisão se distancie da objetividade. Segundo o pensamento de Rossi (2006), embora as câmeras sejam “frias” e neutras, o que chega ao telespectador é sempre filtrado por decisões humanas, e essas escolhas podem moldar a percepção da



realidade. A objetividade, portanto, torna-se mais um ideal a ser buscado do que uma consequência natural do uso da tecnologia.

Bucci (2000) complementa que “a ética do jornalismo não está em eliminar o espetáculo, mas em impedir que o espetáculo substitua a informação”. A função do jornalista é utilizar os recursos narrativos da televisão para humanizar as histórias — e não explorá-las emocionalmente.

No contexto da ética jornalística, a objetividade é um conceito central, mas também um ideal complexo de ser alcançado. Para Charaudeau (2006), o discurso jornalístico é tensionado “entre a veracidade e a sedução”, pois o jornalista deve manter o compromisso com a verdade, mas também prender a atenção do público. Essa tensão, segundo o autor, torna a ética um elemento essencial para o equilíbrio entre informação e espetáculo.

“Teoricamente, a introdução da televisão no campo do jornalismo poderia conferir à objetividade o caráter de possibilidade real e não o de mito. Afinal, a câmera de TV registra, friamente, o que se passa, assim como os microfones captam os sons tais como são emitidos. Ocorre, entretanto, que, no caso do telejornalismo, a mediação entre o fato e a versão dele que é levada ao ar multiplicou-se. O trabalho do repórter e do cinegrafista passa por uma quantidade de filtros que depuram sons e imagens dos aspectos considerados inconvenientes pelos diretores da estação”, (ROSSI, 1980, n.p 4)

Bucci (2000) observa que a televisão trabalha com a síntese e a emoção, e que os comunicadores muitas vezes falham ao tentar transmitir uma falsa imparcialidade e distância do acontecimento. Segundo o autor, “o pecado ético do jornalista, em suma, é falsear sua relação com os fatos, tornando-se parte impostora da neutralidade”. Assim, compreender o comportamento ético da imprensa televisiva é entender como a linguagem visual e narrativa molda a percepção pública e desafia os princípios da ética profissional.

4 considerações finais

A partir das análises apresentadas, é possível compreender que a cobertura televisiva de tragédias envolve um duplo desafio ético e comunicacional: informar com veracidade e, ao mesmo tempo, respeitar o sofrimento humano. A televisão, por sua natureza visual e imediata, possui grande poder de mobilização social, mas também uma imensa responsabilidade na forma como constrói os acontecimentos.

Em Cascavel, observa-se que as emissoras locais reproduzem práticas das grandes redes, priorizando o impacto e o sensacionalismo em detrimento da contextualização e da empatia. Essa tendência reflete a lógica da mídia contemporânea, em que a busca por audiência muitas vezes se sobrepõe à função social do jornalismo.



Dessa forma, a ética jornalística deve ser constantemente revisitada, não como um conjunto de regras fixas, mas como um compromisso permanente com a verdade, a dignidade humana e o interesse público. Como destaca Bucci (2000), “a credibilidade do jornalismo nasce do respeito ao outro, e não da frieza da técnica”.

Conclui-se que a análise do comportamento da imprensa televisiva em coberturas de tragédias revela muito mais do que práticas de comunicação: ela expõe as relações entre mídia, poder e emoção. A reflexão ética é, portanto, essencial para que o jornalismo cumpra seu papel de mediador responsável, comprometido com a informação e com a humanidade. A ética, assim, deve constituir o eixo que sustenta o fazer jornalístico em todos os níveis nacional, regional e local.

REFERÊNCIAS

- ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980. n.p. 4, 32. sodré
- BUCCI, Eugênio. *Sobre Ética e Imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. n.p. 54, 61, 97.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006. n.p. 79, 91.
- SODRÉ, Muniz. *Sociedade, mídia e violência* Porto Alegre: Sulina, 2009. n.p. 9, 14, 57.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2008. n.p. 27, 42.